

Cultura do encontro, palavra que se torna presença

Maria Goretti de Oliveira¹

Resumo

A cultura do encontro, proposta pelo papa Francisco, é um chamado a construir pontes de diálogo e de entendimento em uma sociedade marcada pela indiferença e intolerância. O encontro e o diálogo, tornam-se assim canais de aproximação e escuta das diferentes realidades sociais e humanas. A cultura do encontro é também um chamado a acreditar na força da palavra como forma de presença e acolhida. A salvação passa pelo encontro, pois o Deus em que cremos é um Deus encarnado na história e próximo das nossas aflições; em nossa fragilidade podemos contar com a sua presença, dando-nos a certeza de que não caminhamos sozinhos.

Palavras-chave: cultura, encontro, diálogo, comunicação, humanização, papa Francisco.

“Cada encontro é fecundo. Cada encontro restitui as pessoas e as coisas ao seu lugar.” Papa Francisco

Introdução

A cultura do encontro é um tema caro ao papa Francisco, pois desde o início do seu pontificado ele insiste sobre a importância de se criar uma cultura que favoreça o encontro e o diálogo.

Hoje mais do que nunca precisamos aprender ou reaprender a convivência e o diálogo, pois vivemos em uma sociedade em que a indiferença e a intolerância crescem em todos os níveis. O encontro e o diálogo aproximam as pessoas ao fazer com que a palavra se torne presença.

É da natureza do ser humano comunicar-se. O ato do encontro, além de possibilitar a partilha de vivências, permite que se expresse e se reconheça o sentido da nossa existência e história.

A nossa história possui marcas, sinais de salvação. Quando em um encontro a comunicamos, testemunhamos a fidelidade de Deus nos caminhos da nossa vida, sua presença, sua ação. Desse modo, encontramos sentido para seguir adiante, pois sabemos que não estamos sozinhos.

Somos pessoas essencialmente relacionais; é na relação que o ser humano se compreende. Como afirma Elias Wolff, “o diálogo é uma realidade

¹ Licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-2003); Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE - 2011); Mestra em Teologia sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-2018). Desde 2012 integra o Conselho Editorial da Paulinas Editora. É membro da Pia Sociedade Filhas de São Paulo (Irmãs Paulinas). goretti.oliveira@paulinas.com.br

antropológica”. Cada pessoa tem um modo próprio de se comunicar, com linguagens e códigos distintos, e considerar isso é condição para diálogos positivos; “a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona” (Laudato Si`, 240).²

A *Dei Verbum* nos esclarece que a revelação não se realiza de forma autoritária e dominadora, mas de forma dialogal e comunicacional, através da relação que Deus estabelece com o ser humano. É Deus mesmo quem toma a iniciativa de ir ao encontro do ser humano e estabelecer com ele um diálogo.

A partir dessas considerações, buscaremos demonstrar a importância da cultura do encontro e apontar alguns elementos a fim de que os encontros sejam fecundos em nossos ambientes de evangelização e convívio.

Para essa pesquisa, foram selecionados números da Constituição dogmática *Dei Verbum*, pronunciamentos do papa Francisco, obras do biblista José Tolentino Mendonça e dos teólogos Pedro Trigo e Elias Wolff. A natureza desta pesquisa é, portanto, de caráter teórico e bibliográfico. O itinerário será percorrido com o auxílio de leituras, reflexões e análises apoiadas na bibliografia levantada sobre o tema.

1 Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro

“Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro” foi o tema da mensagem do papa Francisco para o 48º dia mundial das comunicações sociais, promulgada em 23 de janeiro de 2014.³ Segundo o dicionário Houaiss, cultura é um “conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social”. nesse sentido, criar uma “cultura” é gerar mudanças de comportamento fazendo com que se torne um hábito, um costume, algo natural e típico de um determinado povo ou local. Mas o que é a cultura do encontro?

A cultura do encontro tem o intuito de aproximar as pessoas fazendo com que a palavra se torne presença, e gere algo para além dela mesma, criando e recriando relações.

² WOLFF, Elias. *Igreja em diálogo*, São Paulo: Paulinas, 2018, p. 19-20.

³ MENSAGEM AO 48º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Papa Francisco. *Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2014.

O encontro humaniza e está ligado ao desenvolvimento da pessoa, das habilidades comportamentais, emocionais e afetivas. Em um encontro podemos buscar e encontrar a verdade, aquilo que dentro de nós arde.

A história da vida de cada um precisa ser contada a fim de ser melhor assimilada e assumida. Quando narramos nossas histórias elas ganham novo sentido e significado, mesmo quando são doloridas. A pessoa que de algum modo não puder narrar a sua história não poderá tocar o chão da sua vida e não conhecerá nem a si mesma nem ao sentido da sua existência.

2 Um Deus que se revela, comunicando-se

Ao considerar que o agir de Deus se dá sempre na história e, por esta razão, ele é possível de ser contado, busca-se conhecer as experiências de Deus feitas por pessoas que reconheceram a sua ação e experienciaram a sua salvação. Nas Sagradas Escrituras podemos perceber que é de Deus a iniciativa do encontro:

Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante a qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Espírito Santo no Pai e se tornam participantes da natureza divina (Ef 2,18; 2Pd 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm1,17), no seu imenso amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e conversa com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir a participarem da sua comunhão.⁴

A *Dei Verbum* ao afirmar que “Deus na Sagrada Escritura falou por meio de homens e à maneira humana”, sugere a quem busca interpretar o que Deus quis comunicar ter atenção à sua revelação.

Muitas narrativas bíblicas foram construídas em torno de um encontro. O encontro de Jesus com a samaritana, com os discípulos de Emaús, com o cego Bartimeu, com Zaqueu, com a mulher Cananeia, o encontro entre Maria e Isabel, e tantos outros exemplos. O primeiro testamento também está moldado no encontro de Deus com o seu povo por meio dos patriarcas e profetas. Desses encontros nasceu uma relação de confiança e um compromisso com a construção da justiça.

A cultura do encontro constitui, portanto, um modo de Deus se relacionar com o seu povo e um chamado a ir ao encontro dos outros em uma sociedade que cada vez mais gera afastamento, intolerância ao diferente, desigualdade e

⁴ Dei Verbum, n.2

exclusão. Todos temos limites e pecados, mas isso não pode ser impedimento para nos aproximarmos das pessoas.

A proximidade vem da comunicação, do ir ao encontro do outro com uma boa palavra e se deixar envolver em suas questões e em suas dúvidas, no caminho de busca da verdade e do sentido da existência humana. Um diálogo claro e transparente gera confiança e ajuda no conhecimento mútuo, fazendo com que se cresça no respeito e no entendimento.

3 Alguns elementos práticos para a cultura do encontro

Desejar estar na presença do outro

O primeiro passo é desejar estar na presença do outro. Sem esse desejo ou consciência o encontro não acontece. Em nossas histórias vários acontecimentos podem ter nos bloqueado ou limitado, fazendo com que tenhamos medo de nos abrir frente ao outro, de deixar-nos conhecer como somos, com virtudes e fragilidades. Mas, a alegria vem do encontro

A verdadeira alegria não vem das coisas, do ter, não! Nasce do encontro, da relação com os demais, nasce do sentir-se aceito, compreendido, amado e do aceitar, do compreender e do amar: e isso não pelo interesse de um momento, mas porque o outro, a outra, é uma pessoa. A alegria nasce da gratuidade de um encontro! É ouvir-se dizer: 'Tu és importante para mim', não necessariamente com palavras. Isso é *bonito...* E é *precisamente* isso que Deus nos faz compreender. Ao chamar-vos, Deus diz-vos: 'Tu és importante para mim, eu amo-te, conto contigo'.⁵

Cada pessoa tem sua história que será sempre um lugar sagrado, terra que só se pode pôr os pés com a sua permissão e convite. O primeiro acolhimento acontece no estar disponível para o outro.

O olhar e o tom de voz

O olhar nos olhos é muito importante, pois também é um modo de acolher o outro. Quando evitamos o olhar é porque desejamos esconder nosso mal estar ou contrariedade diante do outro. Uma das primeiras formas de acolhida é o olhar, quando não somos olhados sentimos rejeição.

Muitas vezes o nosso olhar é apressado e não dá o tempo necessário para ver de perto, somos rápidos ao julgar segundo nossos parâmetros sem conhecer a realidade do outro, sua história, suas dores, suas necessidades e

⁵ (Papa Francisco - Encontro com os Seminaristas, os Noviços e as Noviças, 6 de julho de 2013). In: TRIGO, Pedro, sj. *Papa Francisco*. Expressão atualizada do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 156.

seu pedido de ajuda que muitas vezes nem é expresso verbalmente. Sobre a importância do olhar, nos fala papa Francisco:

«Se não olho — não é suficiente ver, não: é preciso olhar — se não paro, se não olho, se não toco, se não falo, não posso realizar um encontro, não posso ajudar a construir uma cultura do encontro».⁶

A cultura do encontro é o oposto da cultura da indiferença, que não olha para o outro, não o enxerga e o evita. Quanta coisa se comunica no silêncio, com o olhar, com os gestos.

A voz é também um elemento importante, pois acolhe, acalma, consola. O tom de voz em um diálogo pode nos dar a confiança necessária para prosseguir sem medo ou, ao contrário, pode impedir que nos abramos, causando temor e dúvida. O encontro é uma arte na qual precisamos estar inteiramente presentes a nós mesmos e ao outro.

O diálogo

A transformação da vida acontece no encontro, é no diálogo que nos damos a conhecer desvelando nossos valores e limites. Somos humanos. O respeito é também uma chave importante para o encontro, para a aceitação dos diferentes pontos de vista e de mundo, para a tolerância e a paz. A pessoa é relação, daí vem a importância de se criar canais de diálogo e entendimento. O papa Francisco ao falar sobre a cultura do encontro em 2016, compartilhou que:

“Quando os líderes dos diferentes setores me pedem um conselho, a minha resposta é sempre a mesma: diálogo, diálogo, diálogo. A única maneira para uma pessoa, uma família, uma sociedade crescer, a única maneira para fazer avançar a vida dos povos é a cultura do encontro; uma cultura segundo a qual todos têm algo de bom para dar, e todos podem receber em troca algo de bom. O outro tem sempre algo para nos dar, desde que saibamos nos aproximar dele com uma atitude aberta e disponível, sem preconceitos. Esta atitude aberta, disponível e sem preconceitos, eu a definiria como ‘humildade social’ que é o que favorece o diálogo.”⁷

No diálogo é importante também dar o tempo necessário para a escuta, a fim de não incorrer em mal entendidos. A pessoa precisa sentir-se valorizada e ouvida em profundidade, compreendida em relação à sua verdade. Além

⁶ *Por uma cultura do encontro. Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.*

⁷ TRIGO, Pedro, sj. *Papa Francisco*. Expressão atualizada do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 50.

disso, é necessário da parte do ouvinte, agir com abertura e flexibilidade quanto às suas próprias ideias e conceitos.⁸

Wolff, recorda a dimensão transcendental do diálogo, fazendo referência às palavras do papa Francisco:

O diálogo maduro entre as pessoas tem uma dimensão de transcendência que as levam a relacionar-se com Deus e também a expressar o próprio ser de Deus: “toda criatura traz em si uma estrutura propriamente trinitária” (LS 239); pela relação cada criatura “assume na própria existência aquele dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela desde a criação” (LS 240). Por isso “as criaturas tendem para Deus... saem de si mesmas para viver em comunhão com Deus” (Is 240). Tal é o fim último da relação.⁹

Portanto, o diálogo é algo concreto na vida da pessoa e da igreja. Como enfatiza Wolff, “é expressão da relação de Deus com a humanidade no ato revelador (DV 2-5) e, por isso mesmo, elemento constitutivo da Igreja (...).”

O papa Francisco esclarece que para a realização do diálogo é necessário que “no seio da Igreja aconteçam progressos na estima, no respeito e na mútua concórdia, no reconhecimento de todas as diversidades legítimas, com a finalidade de estabelecer um diálogo incessante e mais fecundo entre todos os que formam o único povo de Deus (GS 92)”.¹⁰

“O caminho para a evangelização é o diálogo” com as realidades sociais e os seus conflitos, com as diversas culturas e com àqueles que não comungam da mesma fé. Em todos os casos, “a Igreja fala a partir da luz que a fé lhe dá”, oferece a sua experiência de dois mil anos e conserva sempre na memória as vidas e os sofrimentos dos seres humanos”.¹¹ Diante da intolerância religiosa ou étnica, “o bem de toda uma sociedade permanece em perigo e todos nós devemos sentir-nos chamados em causa”.¹²

4 Onde estão as periferias existenciais?

Constitutivamente, como seres humanos, somos frágeis e vulneráveis, só a experiência do amor verdadeiro e incondicional faz-nos encontrar o sentido da nossa existência. Sem essa experiência, o que sentimos é um vazio

⁸ Cf. Amores Laetitia, 138-139. In: WOLFF, Elias. *Igreja em diálogo*. Teologia do papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 20.

⁹ WOLFF, Elias. *Igreja em diálogo*. Teologia do papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 20-21.

¹⁰ WOLFF, Elias. *Igreja em diálogo*. Teologia do papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2018. p.22-23.

¹¹ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *Evangelii Gaudium*. Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2013. n. 238.

¹² TRIGO, Pedro, sj. *Papa Francisco*. Expressão atualizada do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2019. p.102.

existencial e profundo que nos leva a perder o sentido da vida e experienciar uma dolorida solidão.

Para Tolentino, “a humanidade em nós precisa ser abraçada sempre, mas com muito mais razão quando ela está ferida, quando ela se sente como se estivesse leprosa, diminuída, sufocada pela exclusão e pelo estigma, feita em cacos sem saber como reconstruir-se, isolada como uma ilha de dor”.

Segundo este autor, a alegria pode vir de uma palavra que, sendo bem dita, alivia o coração, cura as feridas e consola. Ainda segundo suas palavras, se não podemos impedir a dor, “podemos narrar com pequenos gestos que estão ao nosso alcance a grande misericórdia de Deus. Na verdade, as periferias não são apenas lugares físicos, são também pontos internos da nossa existência, são lugares da alma humana”.¹³

Tolentino ressalta também que “somos uns para os outros passagem, epifania, revelação que, na prática do amor, se aprofunda e fortalece”. Fala também do exercício de aceitar: a noite, e o nada, o silêncio e a demora, aceitar a graça e a fraqueza, a diferenciação e o desapego. E de tudo fazer caminho, na esperança, sem nunca desistir de ninguém.¹⁴

Os encontros de todos os dias são um dom, mas também uma conquista. Diante do outro haverá sempre uma promessa de bem, caminhando junto com limites. Há um custo, um esforço para encontrar no outro a manifestação da graça de Deus.¹⁵

Nos lugares onde estamos, somos chamados a viver a nossa humanidade e a testemunhar “a abundância do dom de Deus que nos é dado pela fé em Jesus Cristo. Talvez a nossa salvação passe, em grande parte, pelas coisas pequenas e pelos encontros habituais de cada dia”. Para Correia, aí poderemos chegar a ser filhos (...) desejando a estatura de Cristo, os sentimentos do seu coração, o estilo da sua vida”.¹⁶

Considerações finais

¹³ MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio da sede*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 139.

¹⁴ MENDONÇA, Tolentino José. *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente*. São Paulo: Paulinas, 2017.p. 82.

¹⁵ Cf. CORREIA, José Frazão. *Entre-tanto*. A difícil bênção da vida e da fé. Prior Velho: Paulinas, 2014. p. 7.

¹⁶ CORREIA, José Frazão. *Entre-tanto*. A difícil bênção da vida e da fé. Prior Velho: Paulinas, 2014. p.11.

O estar com o outro é uma experiência essencialmente humana de abertura e partilha, de conhecimento mútuo, de troca, de afeto... um encontro que vai sendo permeado por histórias de vida, carregadas de esperanças e desilusões. *O encontro é o lugar teológico de relação com o outro e com Deus.*

Jesus se revela dialogando com as pessoas que encontra em seu caminho, podemos dizer que a sua vida é uma grande “conversa”. Portanto, não há cristianismo sem relação, sem encontro, sem diálogo, sem acolhimento.

A pesquisa apontou que a força da cultura do encontro advém da própria palavra ao relatar a experiência com um Deus que se revela por meio da linguagem e na história. Ocupar-se da comunicação é dialogar com aquilo que constitui a essência das pessoas, suas relações, suas experiências e esperanças. O trabalho foi composto levando em conta todos esses aspectos que interagem de maneira profunda e complexa.

Referências bibliográficas

CORREIA, José Frazão. *Entre-tanto*. A difícil bênção da vida e da fé. Prior Velho: Paulinas, 2014.

DEI VERBUM. Constituição dogmática sobre a revelação divina. 19. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *Evangelii Gaudium*. Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio da sede*. São Paulo: Paulinas, 2018.

_____. *Libertar o tempo*: para uma arte espiritual do presente. São Paulo: Paulinas, 2017.

MENSAGEM AO 48º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Papa Francisco. *Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2014.

TRIGO, Pedro, sj. *Papa Francisco*. Expressão atualizada do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2019.

WOLFF, Elias. *Igreja em diálogo*. Teologia do papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2018.